



Kate Simon

► lança-se numa corrida com Chris Blackwell, o presidente da Virgin Island Records: “Era um ótimo nadador”, sorri, “ganhou-me, mas por pouco!” Foi aí que ela reparou em Bob Marley, sentado debaixo de um guarda-sol: “Ele trazia um fato de treino azul com riscas brancas nos cotovelos e joelhos, que se tornará mais tarde o uniforme dos bairros dos subúrbios do mundo inteiro. Abraçámo-nos e depois agarrei as minhas duas Nikon F2. Com o meu fotómetro, medi a luz perto do seu pescoço e tirei dois rolos inteiros de fotografias”.

Há magia nas provas de contacto onde se lê a cumplicidade que une o fotógrafo e o seu objecto fotografado: umas vezes grave, outras pensativo, sorridente ou ausente, Bob Marley muda de expressão com a rapidez de um relâmpago. “As melhores fotos são sempre aquelas que nos oferecem”, murmura Kate Simon, “e nesse dia ele encheu-me de satisfação”.

Os negativos ficaram nos arquivos de Kate durante um ano. Entretanto, a primeira superestrela vinda do Terceiro Mundo tornou-se um símbolo universal da luta dos oprimidos. Adepto da religião rasta, que apregoa a não-violência e o uso imoderado da “erva sagrada”, Bob Marley é mais do que uma vedeta da canção: a sua palavra é messiânica. Desde os bairros chiques de Manhattan aos guetos negros americanos, passando pelos bairros de lata dos países do Sul, as suas canções surgem como o último archote da revolta. Quando, na Primavera de 1977, o “Jah Rastafari” começa a sua tournée europeia, canta em ‘guichês’ fechados em frente a uma “multidão” subjugada. Solicitada por Chris Blackwell, Kate Simon integra a comitiva. Num negativo, vêmo-la a sorrir alegremente para o rei rasta. “Fotografei tudo”, conta ela, “Bob a ler a Bíblia num aeroporto, Bob a jogar futebol, Bob a andar de bicicleta, a cantar e a fumar marijuana. Milhares de negativos, do qual nenhum ficará...”

Maio 1977. Chris Blackwell procura uma foto para ilustrar a capa do álbum “Kaya”: ele escolhe uma dessas tiradas na borda da piscina do Shera-

ton, onde o cantor-estrela fixa o aparelho com um sorriso descontraído. “Foi bem visto”, diz Roger Steffens, um dos melhores especialistas da história do reggae. “Depois do triunfo da tournée europeia, era preciso aproveitar: acabar com o grande petardo que atraía os hippies e assustava as pessoas normais! Podíamos mostrar esta foto sem medo à nossa mãe: com os seus cabelos bem penteados, Bob até parece um escuteiro!” Roger Steffens abre a porta do templo que ergueu à memória de Bob Marley na sua casa, entre as colinas de Los Angeles. Volúvel e entusiasta, aquele que se diz “actor-fotógrafo-deejay-coleccionador-historiador” encontrou o seu ídolo em 1979: “Um verdadeiro golpe de sorte! Antes do início do concerto, perguntei a um gajo do som se Bob iria tocar ‘Waiting in Vain’.

— Porquê?

— Porque tem um solo de guitarra soberbo...

— Eu sou Junior Marvin, o guitarrista. Convidote a vires para os bastidores...”

Foi assim que Roger Steffens se juntou à “tribo”. Desde aí, arquiva: os discos (nove mil), as cassetes (onze mil), as entrevistas (quilómetros), os posters e “pin’s” (dez mil), os cartazes... Um magnata japonês propôs-lhe um milhão de dólares para comprar os seus fundos: ele recusou. A mesma coisa se passou com Rita, a viúva de Marley: “Não o faço por dinheiro”, diz Steffens, “mas por ele, que foi um dos grandes homens do século”. Abanado o torso, exhibe a “t-shirt” onde foi impressa a fotografia de Kate Simon: “É o retrato mais célebre de Bob, encontrámo-lo em autocolantes, bandeiras, postais, botões em plástico... Vi-a no alto do Grande Canyon, na entrada de uma reserva índia, nas cafetarias de Amesterdão ou em tapetes japoneses. O principal crítico de música pop do ‘New York Times’ escreveu que em 2096, quando os antigos países do Terceiro Mundo tiverem colonizado as antigas superpotências, vamos comemorar Bob como um santo! E na medalha do Santo Bob Marley, aparecerá a foto de Kate Simon!” ■